



Montanha Mágica* Arte e Paisagem
Universidade da Beira Interior, Covilhã
16-17 Novembro 2023

www.montanhamagica.ubi.pt

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Francisco Paiva, FAL Departamento de Artes, Universidade da Beira Interior PT

CURADOR CONVIDADO

Miguel Bandeira Duarte, EAAD Universidade do Minho PT

COMISSÃO CIENTÍFICA

António José Santos Meireles, Instituto Politécnico de Bragança PT

Adriana Veríssimo Serrão, FL Universidade de Lisboa PT

Ana Leonor Madeira Rodrigues, FA Universidade de Lisboa PT

Carmen Bellido Márquez, FBA Universidad de Granada ES

Carmen Marín Ruiz, FBA UC Madrid Grupo Humanidades Ambientales ES

Eduardo Paz Barroso, Universidade Fernando Pessoa PT

Fernando Garcia-Dory, inland - art, agriculture & territory ES

Francisco Paiva, FAL Universidade da Beira Interior PT

Hélène Saule-Sorbé, FBA Université Bordeaux 3 FR

Jesús Osório, FBA Universidad de Granada ES

João Carlos Correia, FAL Universidade da Beira Interior PT

João Paulo de Araújo Queiroz, FBA Universidade de Lisboa PT

Joaquim Mateus Paulo Serra, FAL Universidade da Beira Interior PT

Josu Rekalde Izagirre, FBA Universidade do País Basco ES

Juan Guardiola Román, Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, ES

Lluís Ortega, Universitat Politècnica de Catalunya ES

Luís Nogueira, FAL Universidade da Beira Interior PT

Manuela Penafria, FAL Universidade da Beira Interior PT

Manuela Pires da Fonseca, A Ribeira a Gostar dela Própria PT

Miguel Bandeira Duarte, EAAD Universidade do Minho PT

Miguel Santiago Fernandes, FE Universidade da Beira Interior PT

Paulo Luís Almeida, FBA Universidade do Porto PT

Paulo Manuel Ferreira da Cunha, FAL Universidade da Beira Interior PT

Paulo Oliveira Freire Almeida, EAAD Universidade do Minho PT

Paloma Villalobos, Universidad Complutense de Madrid ES / Universidad de Chile CL

Roberto Ramos de León, CDAN - Centro de Arte y Naturaleza - Huesca, ES

Rita Salvado, Museu de Lanifícios / FE Universidade da Beira Interior PT

Rita Sixto Cesteros, FBA Universidad del País Vasco ES

Tania de León Yong, FAD Universidad Nacional Autónoma de México, MX / KHM DE

Tiago Fernandes, FAL Universidade da Beira Interior PT

Txemi García Mediero, FBA Universidad del País Vasco ES

Unai Requejo, FBA Universidad del País Vasco ES

Urbano Mestre Sidoncha, FAL Universidade da Beira Interior PT

Veva Linaza Vivanco, FBA Universidad del País Vasco ES

PRODUÇÃO

LABCOM - Grupo de Artes - Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

COMISSÃO EXECUTIVA

Francisco Paiva, Coordenação Geral / fpaiva@ubi.pt

Mércia Pires, Secretariado / mercia.pires@labcom.ubi.pt +351 275 242 023 / ext. 1201

Sara Constante, Design

Miguel Manteigueiro, Informática / admin@labcom.ubi.pt

Imagem capa: Paloma Villalobos

Imagens separadores: Arquivo Rocha Peixoto / Museu Nogueira da Silva



Montanha Mágica* Arte e Paisagem
Universidade da Beira Interior, Covilhã
16-17 Novembro 2023

www.montanhamagica.ubi.pt

O imaginário da montanha



Nesta 4ª edição, a plataforma Montanha Mágica* Arte e Paisagem centra-se sobre o tema genérico do imaginário da montanha. Na sua concretude matérica e cambiante aparência, as montanhas revelam todo o Universo, testemunham a transformação do mundo, permitem sentir e compreender as origens. Na sua força telúrica, as montanhas moldam a experiência pessoal e colectiva do território, sendo o seu valor iconográfico simétrico ao da experiência perceptiva e das visões prodigiosas que proporcionam.

Na esteira das edições anteriores, a MM* 2023 pretende uma vez mais promover esse conflito entre a montanha e os sentidos, constituindo-se num lugar de convergência dos eixos da criação, investigação e fruição artística, não apenas em torno de imagens icónicas, mas do que é passível de ser visto e experimentado a partir das montanhas.

Com este horizonte, a MM* promove o desenvolvimento, partilha e apresentação de (1) propostas artísticas heterodoxas e originais, a expor, bem como de (2) comunicações baseadas em práticas criativas, atinentes ao imaginário da montanha, da Serra da Estrela ou de outra serra qualquer. Os projectos artísticos e as comunicações seleccionadas pela comissão científica e artística serão publicadas num número especial da revista *Stellae** Revista de Arte / Journal on Arts.

Francisco Paiva / Miguel B. Duarte

lante e a noite como escuridão opaca. O universo encantado das palavras de Sophia é depurado numa linguagem de vestígios figurativos e indicações dispersas de paisagem.

Paulo Freire de Almeida, 2023

Agora, “Agora, toda a floresta se iluminava (...) grandes raios de luz passavam entre os troncos e as ramagens”

Partindo de um fragmento do conto “O Cavaleiro da Dinamarca”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, os motivos gráficos aludem a “troncos e ramagens”, numa figuração abstratizante, por onde se evidencia a passagem de luz. Diversamente de uma aproximação meramente ilustrativa, as imagens correm em paralelo com as palavras numa associação onde cada forma de linguagem se mantém intacta na sua própria relação com o espectador. Entre ver e imaginar, reservam-se possibilidades de recriação da paisagem. Esse paralelismo resulta de um efeito de intensidade e até mesmo urgência, indicado no termo “agora”. Essa urgência exprime-se, por um lado, no ritmo conciso das palavras de Sophia. E por outro, na execução direta e decidida do desenho, onde os traços negros abrem luz na folha de papel.

Paulo Freire de Almeida, 2023



CRISTINA CASTRO

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe individual e coletivamente desde 1995, com destaque para: *Água sobre água*, Galeria do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023), *Arte de Bolso 11ª edição*, Galeria Sete, Coimbra (2022), *XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira* (2018), *4º Bio-Art Contest*, Museu Nacional da Ciência de Gwacheon, Coreia (2016), *Motel Coimbra*, Galeria Colégio das Artes, (2016), *Antipodes*, Galeria UNA, Bjärred, Suécia (2012), *Entrada Livre*, Galeria 9Arte, Lisboa (2010), *Memórias*, 1º Mostra de Arte Contemporânea do Cão e Douro Superior (2010), *Time Moulds*, Galeria UNA, Bjärred, Suécia (2007), *Na Linha da Data Internacional*, Galeria Artland, Bombaim, Índia, (2006), *Concurso de Artes Plásticas 30º Aniversário do C. C. Brasília*, Porto, (2006), entre outros. Membro do CIEBA, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes da Universidade de Lisboa e da UniMAD, Unidade de Investigação da ESMAD-IPP. Doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2023). Mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C. (2009). Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2001). Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto.

Cum festinatione

Partindo da ideia de que, qualquer vislumbre de uma montanha real não aparece sem a nossa presença, e,

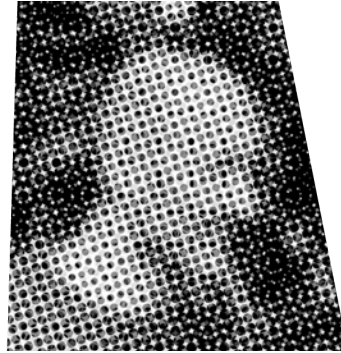
assim sendo formando uma mistura de pedra e de carne, pensamos na hipótese de um imaginário impregnado nela, ou seja, em nós. Nesta acepção, localizar a montanha não implica a utilização de instrumentos de mediação, porque este é um território corpóreo, que se escapa a cada movimento.

Em torno desta ideia colocamos algumas questões para a problematizar.

O que pode ser o imaginário de uma montanha? Qual a sua aparência visível? E, a montanha em si, sem comparas que a acompanhem, terá o mesmo imaginário? Ou, será ela um repositório de infinitos imaginários, quantos os entes que por ela passaram? E, quanto à sua capacidade de mutação, uma montanha já terá sido um pequeno vale, e os rochedos rijos podem ser originárias de uma amálgama enlameada, ainda assim, a montanha em estádios transitórios guarda um imaginário?

Pensando nesta última questão, a montanha pode aludir a um conceito de estádio intermédio, em permanente tensão, um estádio que paira, que se agita num fluxo, em suspensão, que permite atravessamentos.

Nesta camaradagem, de portas entreabertas, polarizada, a montanha que vejo permite a entrada de outras montanhas, e até mesmo de estruturas que ainda não são montanhas, mas que a precedem, e de outras que podem já ter sido uma montanha e sucumbiram a uma catástrofe, e ainda de outras que sem serem uma montanha se aparentam com ela. É o caso das massas de sucumbiram a uma catástrofe, e ainda de outras que sem serem uma montanha se aparentam com ela. É o caso das massas de gelo flutuantes.

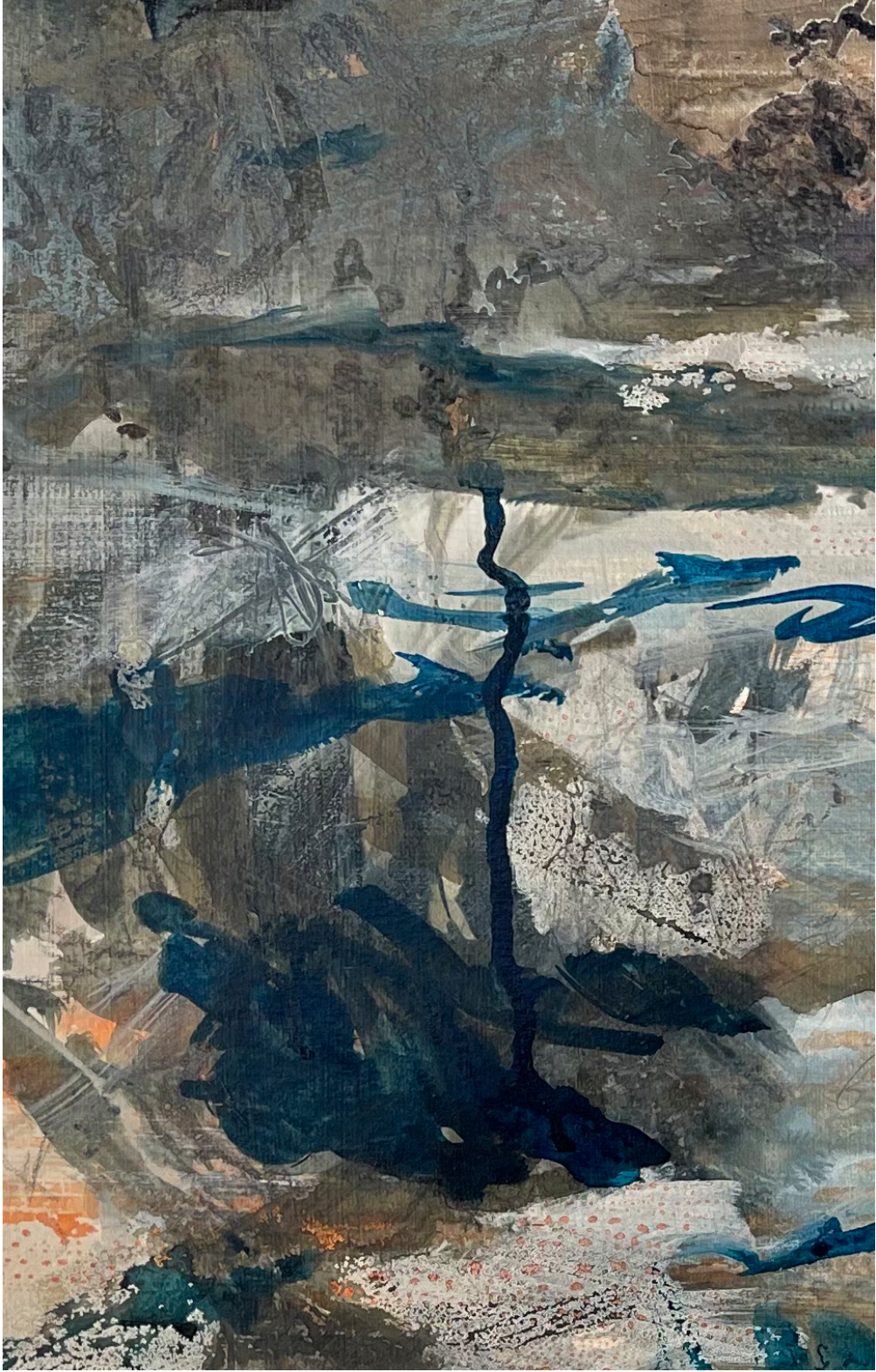


DANIEL SILVESTRE

Licenciado em Artes Plásticas (ESAD Caldas da Rainha), Mestre em Desenho (FBAUP) e Doutor em Artes Plásticas (FBAUP). Professor convidado de desenho na Escola de Design do IPCA (Barcelos) e na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Exerce atividade de ilustrador editorial desde 2006, tendo ilustrado, entre outros, textos de Alice Vieira, Ana Saldanha, João Pedro Méseder, José Luís Peixoto, Machado de Assis, Sophia de Mello Breyner Andresen e Raúl Brandão.

Rio Duro

Rio Duro é um álbum ilustrado em desenvolvimento, que representa diferentes aspetos da geografia e cultura duriense. A ideia seminal para este projeto surgiu na sequência do processo de pesquisa e criação de desenhos murais para a exposição *Douro: Terra e Atmosfera*, organizada pelo Museu da Cidade (Porto) e que teve lugar no Museu do Vinho do Porto em 2021. Iniciado em Agosto de 2022, o projeto *Rio Duro* apresenta-se como um álbum de imagens sem texto, cuja narrativa é construída numa lógica de montagem sequencial, explorando diferentes momentos da vida do rio Douro, que vão desde a sua formação geológica em que a água cava a rocha à transformação da paisagem pelos homens através dos processos de surriba.



MM 2023 CRISTINA CASTRO

CRISTINA CASTRO

Partindo da ideia de que, qualquer vislumbre de uma montanha real não aparece sem a nossa presença, e, assim sendo formando uma mistura de pedra e de carne, pensamos na hipótese de um imaginário impregnado nela, ou seja, em nós. Nesta acepção, localizar a montanha não implica a utilização de instrumentos de mediação, porque este é um território corpóreo, que se escapa a cada movimento.

Em torno desta ideia colocamos algumas questões para a problematizar.

O que pode ser o imaginário de uma montanha? Qual a sua aparência visível? E, a montanha em si, sem comparsas que a acompanhem, terá o mesmo imaginário? Ou, será ela um repositório de infinitos imaginários, quantos os entes que por ela passaram? E, quanto à sua capacidade de mutação, uma montanha já terá sido um pequeno vale, e os rochedos rijos podem ser originárias de uma amálgama enlameada, ainda assim, a montanha em estádios transitórios guarda um imaginário?

Pensando nesta última questão, a montanha pode aludir a um conceito de estádio intermédio, em permanente tensão, um estádio que paira, que se agita num fluxo, em suspensão, que permite atravessamentos.

Nesta camaradagem, de portas entreabertas, polarizada, a montanha que vejo permite a entrada de outras montanhas, e até mesmo de estruturas que ainda não são montanhas, mas que a precedem, e de outras que podem já ter sido uma montanha e sucumbiram a uma catástrofe, e ainda de outras que sem serem uma montanha se aparentam com ela. É o caso das massas de sucumbiram a uma catástrofe, e ainda de outras que sem serem uma montanha se aparentam com ela. É o caso das massas de gelo flutuantes.



MM*2023 CRISTINA CASTRO